

APRESENTAÇÃO

Anderson Gomes (UFRRJ)

André Cardoso (UFF)

Pedro Sasse (UFF)

Setenta anos após a morte de George Orwell, sua obra parece mais viva do que nunca, assim como alguns dos temas que aborda. Seja através do bem-sucedido retorno às prateleiras de nomes canônicos do gênero, seja por causa da feição sombria que nossa sociedade esboça neste preocupante momento político, a distopia reassume centralidade nas reflexões sobre os temores do nosso presente e futuro. Fazer tal reflexão, no entanto, significa, também, olhar para as sombras do passado que se arrastam para os nossos tempos, postura que caracteriza a literatura gótica desde suas origens no século XVIII. Assim, propomos, em homenagem a Orwell e ao gênero que ajudou a consolidar, um dossiê voltado aos pontos de contato entre o gótico e a distopia, examinando de que maneira as narrativas distópicas estabelecem um diálogo com a literatura gótica, incluindo seus modos de representação em diferentes meios para além da literatura, como o cinema e as séries de televisão.

O gótico pode ser descrito como a expressão de uma visão desencantada do mundo, como um modo de escrita que se manifesta de forma recorrente em momentos de crise epistemológica e social, dando voz a ansiedades relacionadas às estruturas de poder, à influência crescente da ciência e à própria natureza do ser humano. Seguindo as abordagens transhistóricas

mais recentes, o gótico, mais que um gênero confinado a um contexto artístico e sociocultural específico, é um modo discursivo explorado pelos mais diversos gêneros para comunicar os medos e ansiedades próprios de seus contextos. Dessa forma, o gótico permeia, além de obviamente o horror, gêneros como o romance policial, a fantasia e a ficção científica.

Fundamentais para o estabelecimento do próprio gótico, os romances de Ann Radcliffe e M. G. Lewis, por exemplo, têm, segundo David Punter e Glennis Byron (*The Gothic*, 2004), uma preocupação central com a tirania e seus efeitos. Já para Fred Botting (*Gothic*, 1996), a ficção gótica é dominada por incertezas relacionadas à natureza do poder, da lei e da sociedade. Linda Dryden (*The Modern Gothic and Literary Doubles*, 2003), por sua vez, associa a transição do gótico para o contexto urbano no século XIX a uma perspectiva cada vez mais pessimista da sociedade e à tentativa de lidar com as precárias condições de vida nas grandes cidades, principalmente no que dizia respeito à população mais pobre. O sofrimento psicológico, nas narrativas góticas, não raramente está ligado a dilemas políticos desde seus primórdios, oferecendo imagens da violência social, antes associada ao passado feudal aristocrático a ser superado e hoje apontando o futuro como um horizonte de ameaça e desintegração.

Não é difícil perceber, então, que o gótico possui uma profunda afinidade com a distopia – seja ela considerada um subgênero da ficção científica, ou uma vertente no campo das ficções utópicas originária de uma crítica à utopia. Ambos expressam uma visão negativa do mundo social e têm como um de seus temas centrais a dinâmica do poder e do autoritarismo. Compartilham também

uma forte desconfiança diante do emprego instrumental da ciência e da tecnologia, e um fascínio com a paranoia, o aprisionamento e a alienação social do indivíduo. Para além dessas proximidades temáticas, tanto a distopia quanto o gótico investem numa representação estilizada e distorcida do real através de uma estética marcada pelo excesso. Compartilhando preocupações e perspectivas semelhantes, tanto o gótico quanto a distopia são, essencialmente, formas de interpelar criticamente a modernidade.

Os artigos aqui reunidos discutem, assim, a retomada de temas e figuras do gótico pelas distopias, como o aprisionamento, a monstruosidade e a imagem do espaço claustrofóbico e ameaçador, além do uso de elementos góticos na representação visual das sociedades distópicas. Em seu conjunto, apresentam uma visão bastante ampla das imbricações entre a distopia e o gótico, abrangendo um corpus de estudo bastante variado. A fim de facilitar o diálogo entre os diferentes textos, buscamos agrupá-los de acordo com preocupações temáticas semelhantes, como as representações do poder e do controle, o uso opressivo da tecnologia e as resistências que contra ele se levantam, a manipulação do corpo, a criação da monstruosidade dentro da sociedade distópica e a extrapolação das tensões do presente para um futuro distante.

Assim, o número se abre com o artigo “O gótico, o sublime e a distopia: uma leitura de 1984”, em que João Pedro Bellas retoma a famosa obra de George Orwell para mostrar como elementos formais do gótico ligados à criação do efeito do sublime desempenham um papel central na crítica social desenvolvida no romance. Focando na representação do passado, do espaço e da monstruosidade, Bellas demonstra que a articulação do sublime

em 1984 é um elemento essencial para a caracterização de um Estado cujo poder é onipresente e insondável, constituindo-se numa ameaça à própria subjetividade humana.

1984 é retomado no artigo seguinte, “Controle dos corpos, gestão dos afetos e distopia: lógicas de poder em 1984 e *White Bear*”, de Marise Lourenço e Pascoal Farinaccio, desta vez numa comparação com o episódio *White Bear* da série de televisão *Black Mirror*. Trata-se, neste caso, de examinar as diferentes práticas de poder delineadas no romance de Orwell e na narrativa televisiva, e a maneira como essas práticas reproduzem certas características da nossa sociedade. A análise desenvolvida aponta para o papel essencial desempenhado pela empatia e pela manipulação dos afetos não só nas dinâmicas de poder inerentes às sociedades representadas nas duas obras, mas também nos efeitos produzidos pelas narrativas distópicas.

Poder e controle voltam a ocupar uma posição central no artigo “O gótico e o distópico se entrelaçam: sexualidade e o controle do corpo feminino em *O conto da aia* e *Os testamentos* de Margaret Atwood”, em que Alice de Araujo Nascimento Pereira discute a apropriação de elementos góticos como componentes estruturantes das representações do feminino em dois romances interligados de Margaret Atwood. Nessa leitura, o horror surge entrelaçado à dominação das mulheres, numa rearticulação de temas caros ao gótico como o aprisionamento, a monstrosidade, o retorno perturbador do passado e o caráter ameaçador da sexualidade. A ativação desses elementos em um novo contexto serve como uma indicação importante do entrecruzamento da tradição gótica com a distopia.

A tecnologia é uma importante ferramenta de poder nas distopias totalitárias, seja em sua ubiquidade, na teletela orwelliana ou na quase absoluta restrição da arcaica Gillead. Alguns futuros sombrios, no entanto, deslocam essa questão tecnológica para o campo da própria identidade do sujeito em um mundo pós-humano, ou transhumano. Jogando com as fronteiras de natural e artificial e os limites da ciência, já exploradas no gótico, essas obras colocam o autômato – o construto, o androide, a inteligência artificial – como centro da narrativa e propõem a questão: como lidaremos com a presença desse duplo em nosso meio?

No artigo “*Ex Machina*: a prisão e a revolta do autômato”, Jansen Hinkel Molineti investiga como o filme de Alex Garland articula os limites dessa identidade pós-humana em meio a noções de espaço e tecnologias de controle imersas em uma narrativa de ficção científica.

A questão dos autômatos é retomada, no artigo seguinte, numa releitura dos famosos replicantes de Philip K. Dick. Em “Mais monstruosos que os monstros: ansiedades tecnológicas e o futuro sombrio em *Androides sonham com ovelhas elétricas?*”, Marina Pereira Penteado e Luiz Felipe Voss Espinelly analisam a aproximação entre o gótico e a distopia, como gêneros literários, a partir desse clássico da ficção científica. Os autores enfatizam como algumas temáticas, paisagens e personagens dos referidos gêneros podem apresentar notáveis semelhanças entre si.

O tema, é bom lembrar, já está presente nas origens da ficção científica através do *Frankenstein*, ou o *Prometeu moderno*, de

Mary Shelley, eternizado em suas constantes releituras ao longo do tempo. Júlia Braga Neves nos traz uma dessas novas versões, em “*I live with doubleness: gótico, ficção científica e distopia em Frankisstein*, de Jeanette Winterson”, que propõe que a adaptação feita por esse romance do clássico de Mary Shelley suscita uma reflexão acerca de questões contemporâneas, como inteligência artificial e identidades *queer*, a partir de uma relação entre o gótico e a distopia.

Com a reflexão sobre realidade virtual ganhando força na ficção científica, o autômato se liberta de sua materialidade e mesmo da relação direta com o nosso mundo físico, trazendo questões éticas e morais sobre os direitos de uma cópia digital da mente humana interagindo em um espaço virtual simulado. No texto “O gótico e a figura do duplo em *USS Callister*”, Victoria Barros Moura e Pedro Sasse analisam como o episódio da série de TV *Black Mirror* tematiza a figura desse duplo digital a partir de conceitos como Eu/Outro, criador/criatura e Ego/Id, temas que permeiam uma grande parte dos episódios da série.

Elemento central para o gótico, as monstruosidades também permeiam, de diferentes maneiras, a ficção distópica, seja na deformação terrível do Estado totalitário, na desumanização dos indivíduos ou mesmo nas consequências corporais de experimentos, torturas, mutações etc. Em “A construção de monstros em *Jogos Vorazes*”, de Cássia Farias, vemos como essas múltiplas manifestações do monstruoso podem surgir em uma distopia – mesmo em uma tida como infanto-juvenil: de um lado, o Estado de Panem, sob perpétua vigilância e controle de seu presidente, Snow, corporificação desse sistema totalitário monstruoso; de outro, a

desumanização do povo dos distritos, sobretudo dos competidores envolvidos nos violentos jogos que entretêm a capital; e, por último, a manifestação monstruosa presente no corpo distópico dos prisioneiros do Estado transformados em criaturas deformadas através de terríveis experimentos.

Corpos distópicos são, também, um tema central em “The Fluted Girl”, premiado conto de Paolo Bacigalupi que narra a história de Lidia, uma menina que tem o corpo drasticamente modificado contra a sua vontade para se tornar um objeto musical vivo e, assim, servir ao deleite dos ricos e poderosos. Em “A resistência do passado: contornos do gótico em ‘The Fluted Girl’”, Bárbara Ferreira e André Cardoso mostram a forte relação que a história mantém com o gótico, explorando tanto espaços típicos da estética gótica, como o feudo, o castelo e as montanhas, quanto temas recorrentes de sua poética, tais como o retorno do passado, o controle dos corpos, e as fronteiras entre o natural e o artificial.

Essa edição conta, também, com contribuições que, ainda que não se encaixem plenamente nas – muitas vezes problemáticas – categorizações da ficção distópica, de alguma forma refletem sobre os mesmos pontos centrais que apresentamos anteriormente. É o caso, por exemplo, de “O *new weird*: hibridismo formal e consciência política em *Estação perdido*, de China Miéville”, de George Augusto do Amaral. O *new weird*, gênero surgido na virada do século XXI, joga com as fronteiras dos gêneros do fantástico, sendo marcado, ainda, por uma forte consciência política – e assim, aproximando-se, muitas vezes, de certos temas caros à reflexão sobre a distopia. Através de bem fundamentada

introdução ao *new weird* – mais que uma análise de caso, como o título pode sugerir –, Amaral apresenta a definição, trajetória e principais características desse relativamente novo gênero do fantástico, ainda pouco explorado no Brasil.

Se o *new weird* é um tema recente nos estudos do fantástico, o último artigo dessa edição traz um olhar pouco comum a um autor já amplamente conhecido e estudado pelos pesquisadores do gótico: Edgar Allan Poe. Sendo considerado um dos pioneiros do horror moderno e do romance policial, vemos, em “A representação da distopia em ‘Mellonta Tauta’, de Edgar Allan Poe”, de Luciane Alves Santos e Maria Alice Ribeiro Gabriel, um Poe menos explorado, o da ficção científica. Partindo do conto futurista “Mellonta Tauta”, as autoras mostram como Poe flerta com temas distópicos ao representar um futuro decadente e pessimista através do olhar de Pundita, habitante do futuro que compara sua sociedade àquela da época da publicação da obra, 1849 – e, assim, tece críticas a certas tendências intelectuais, políticas e econômicas que, posteriormente, ganharão mais espaço nos romances distópicos que hoje conhecemos.

Para além desses artigos, este número traz também duas entrevistas que tratam das articulações contemporâneas do gótico e da distopia. Na primeira, conduzida por André Cardoso e Ana Resende, Xavier Aldana Reyes, estudioso de literatura e cinema e membro fundador do Manchester Centre for Gothic Studies, discute a difusão internacional do gótico fora do âmbito da língua inglesa e os desafios para estudá-la, a relação entre gótico e horror, e a relevância do gótico no contexto contemporâneo. Já a entrevista com o escritor Joca Reiners Terron, conduzida por

André Cardoso e Pedro Sasse, foca no último romance do autor, *A morte e o meteoro*, e examina o uso de tropos da distopia, da ficção apocalíptica e do gótico numa narrativa que se configura como uma crítica ácida do Brasil atual e de seu passado histórico. Finalmente, este número se encerra com duas resenhas sobre os recentes estudos no campo do insólito e do gótico. Isabela Duarte Britto Lopes resenha a coletânea *As artes do mal* (2018), organizada por Júlio França e Ana Paula Araújo, que reúne textos fundamentais para a teorização do mal como elemento estético. Já Ana Resende discute o livro *Weird Fiction in Britain (1880-1939)* (2018), de James Machin, que apresenta uma leitura abrangente da consolidação da literatura *weird* no Reino Unido.

Se o gótico, ainda que sempre presente, ressurge com mais força em tempos de crise, talvez se possa dizer o mesmo da distopia. Afinal, é notório o reaparecimento de obras distópicas como *O conto da aia*, de Margaret Atwood, e principalmente do próprio *1984* nas listas de *bestsellers* recentemente, em momentos de enorme instabilidade – mesmo o Brasil retorna ao tema, com o lançamento de *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela* (2018), de Ignácio de Loyola Brandão. Hoje, diante de uma pandemia mundial e do recrudescimento de forças autoritárias que se encontravam latentes há décadas, principalmente no nosso país, faz-se mais necessário do que nunca nos debruçarmos com seriedade sobre o que as tradições do gótico e da distopia nos têm a dizer.

Os organizadores.